

Notas Sobre Literatura Leitura e Linguagens



Angela Maria Gomes
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

Notas sobre Literatura,
Leitura e Linguagens

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N899 Notas sobre literatura, leitura e linguagens [recurso eletrônico] /
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Notas Sobre Literatura, Leitura e Linguagens;
v.1)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-069-8
DOI 10.22533/at.ed.698192501

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino.
3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 372.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens vem oportunizar reflexões sobre as temáticas que envolvem os estudos linguísticos e literários, nas abordagens que se relacionam de forma interdisciplinar nessas três áreas, na forma de ensino e dos seus desdobramentos.

Abordando desde criações literárias, contos, gêneros jornalísticos, propagandas políticas, até fabulas populares, os artigos levantam questões múltiplas que se entrelaçam no âmbito da pesquisa: Desde o ensino de leitura, de literatura em interface com outras linguagens e culturas que fazem parte do contexto nacional, como a indígena, a amazonense, a dos afros descendentes até vaqueiros mineiros considerados narradores quase extintos que compartilham experiências e memórias do ofício, as quais são transcritas. Temas como sustentabilidade, abordagens sobre o gênero feminino e as formas de presença do homem no contexto da linguagem também estão presentes.

Os artigos que compõem este volume centram seus estudos não apenas no texto verbal e escrito, mas nas múltiplas linguagens e mídias que configuram a produção de sentidos na contemporaneidade. A evolução da construção de novas composições literárias com uso de imagens, vídeos, sons e cores foi aqui também tema de pesquisas, assim como o uso das novas tecnologias como prática pedagógica, incluindo Facebook – mídia/rede virtual visual – e o WhatsApp - aplicativo para a troca de mensagens -. Falando em novas práticas, o estudo do modelo de sala invertida - Flipped Classroom - que propõe a inversão completa do modelo de ensino, igualmente foi aqui apresentado e estudado como proposta de prover aulas menos expositivas, mais produtivas e participativas.

A literatura é um oceano de obras-primas. Diante desse manancial de possibilidades, a apreciação e análises comparativas de grandes nomes apresentados aqui, incluindo William Shakespeare, Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Fonseca, Dias Gomes, entre outros, traz uma grande contribuição para se observar cada componente que as constitui. Desse modo, fica mais acessível a compreensão, interpretação e assimilação dos sentimentos e valores de uma obra, fazendo um entrelaçamento da leitura, literatura e estudos da linguagem.

Assim, esta coletânea objetiva contribuir para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Letras - Linguística e Literatura - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional e científico.

Angela Maria Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ALTERNÂNCIA PRONOMINAL NA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL /NÓS/ E /A GENTE/ NA FUNÇÃO DE SUJEITO	
Jocelia dos Santos Rodrigues Raquel Xavier Migueli	
DOI 10.22533/at.ed.6981925011	
CAPÍTULO 2	8
A CREDIBILIDADE EM PROPAGANDAS POLÍTICAS: UMA ANÁLISE MULTIMODAL	
Lirane Rossi Martinez	
DOI 10.22533/at.ed.6981925012	
CAPÍTULO 3	24
A EROTIZAÇÃO NA POÉTICA DE GILKA MACHADO: A CRÍTICA DE ONTEM <i>VERSUS</i> A CRÍTICA DE HOJE	
Neivana Rolim de Lima Cássia Maria Bezerra do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.6981925013	
CAPÍTULO 4	34
A ESCRITA DO ALUNO SURDO: INTERFACE ENTRE A LIBRAS E A LÍNGUA PORTUGUESA	
Maiara Scherer Machado da Rosa Andrea Bernal Mazacotte Kelly Priscila Lóddo Cezar	
DOI 10.22533/at.ed.6981925014	
CAPÍTULO 5	46
A ESTRUTURA COMPOSICIONAL DAS SENTENÇAS JUDICIAIS DE PRONÚNCIA E CONDENATÓRIAS: PLANOS DE TEXTO E SEQUÊNCIAS TEXTUAIS	
Cláudia Cynara Costa de Souza Maria das Graças Soares Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.6981925015	
CAPÍTULO 6	59
A INTERFACE ENTRE ORALIDADE E ESCRITA NO GÊNERO TEXTUAL TIRA EM QUADRINHOS	
Antonia Maria de Freitas Oliveira Francisca Fabiana da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6981925016	
CAPÍTULO 7	70
A LEITURA LITERÁRIA A PARTIR DE <i>DON QUIXOTE DE LA MANCHA</i>	
Maria Cristina Ferreira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6981925017	
CAPÍTULO 8	81
A LEITURA LITERÁRIA COMO AUXÍLIO PEDAGÓGICO: O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM FOCO	
Marcus Vinicius Sousa Correia Emanoel Cesar Pires de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.6981925018	

CAPÍTULO 9	89
A LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO: IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR	
Eliane Travensoli Parise Cruz Vera Lúcia Martiniak	
DOI 10.22533/at.ed.6981925019	
CAPÍTULO 10	105
A MEDIAÇÃO DE LEITURA DE DONA BENTA EM <i>FÁBULAS</i> , DE MONTEIRO LOBATO	
Patrícia Aparecida Beraldo Romano	
DOI 10.22533/at.ed.69819250110	
CAPÍTULO 11	116
A NOÇÃO DE LIGAÇÃO NO <i>ATLAS DO CORPO E DA IMAGINAÇÃO</i> , DE GONÇALO M. TAVARES	
Alessandro Carvalho Sales	
DOI 10.22533/at.ed.69819250111	
CAPÍTULO 12	124
A Poesia Visual de Tchello d' Barros: uma proposta pedagógica	
Renata da Silva de Barcellos	
DOI 10.22533/at.ed.69819250112	
CAPÍTULO 13	141
A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA DO TRAUMA EM <i>HÁ VINTE ANOS</i> , LUZ DE ELSA OSORIO: SOB O OLHAR DA PERSONAGEM LUZ	
Margareth Torres de Alencar Costa Naira Suzane Soares Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.69819250113	
CAPÍTULO 14	154
A TRANSPOSIÇÃO DE ROMEU E JULIETA PELA TURMA DA MÔNICA	
Tiago Marques Luiz	
DOI 10.22533/at.ed.69819250114	
CAPÍTULO 15	165
A ÚLTIMA CANÇÃO DE BILBO: UMA VIAGEM PELO VERBAL E NÃO-VERBAL NA TERRA MÉDIA	
Renata Andreolla	
DOI 10.22533/at.ed.69819250115	
CAPÍTULO 16	179
ANÁLISE DOS CONTOS <i>A OUTRA MARGEM DO RIO</i> , DE GUIMARÃES ROSA, <i>E NAS ÁGUAS DO TEMPO</i> , DE MIA COUTO	
Regina Costa Nunes Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.69819250116	
CAPÍTULO 17	189
AS FALAS, SONS E SILÊNCIO EM <i>VASTAFALA</i> DE ANTONIO BARRETO ¹	
Janusa Guimarães Gomez	
DOI 10.22533/at.ed.69819250117	

CAPÍTULO 18	203
AS HQ'S NA ALFABETIZAÇÃO: QUAIS ESTRATÉGIAS AS CRIANÇAS UTILIZAM PARA ENTENDÊ-LA?	
Márcia Antônia Dias Catunda	
DOI 10.22533/at.ed.69819250118	
CAPÍTULO 19	212
AS VOZES NARRATIVAS EM BUSCA DE SUAS RAÍZES	
Denise Moreira Santana	
Wilton Barroso Filho	
DOI 10.22533/at.ed.69819250119	
CAPÍTULO 20	221
AS "NARRATIVAS BREVES" DE MARINA COLASANTI E A FORMAÇÃO DE LEITORES: UMA PERSPECTIVA INTERTEXTUAL	
Valeria Cristina de Abreu Vale Caetano	
DOI 10.22533/at.ed.69819250120	
CAPÍTULO 21	229
CONTAR E ENCONTRAR: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO CONTADOR DE HISTÓRIAS	
Eliandra Cardoso dos Santos Vendrame	
Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.69819250121	
CAPÍTULO 22	240
DE ISAURA PIANISTA AO HIP-HOP COMO PRODUÇÃO CULTURAL DA DIÁSPORA NEGRA: PROCESSOS DE COLONIALIDADE X DESCOLONIALIDADE	
Osalda Maria Pessoa	
DOI 10.22533/at.ed.69819250122	
SOBRE A ORGANIZADORA	254

CONTAR E ENCONTRAR: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO CONTADOR DE HISTÓRIAS

Eliandra Cardoso dos Santos Vendrame –
Universidade Estadual de Maringá – (UEM) –
Maringá – Pr.

Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula –
Universidade Estadual de Maringá – (UEM) –
Maringá – Pr.

RESUMO: Contar histórias é uma prática importante para a promoção da leitura e do acesso ao universo literário. O objetivo deste texto será apresentar a contribuição dos estudos autobiográficos na construção da identidade dos contadores de histórias. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de fundamentos teóricos metodológicos com revisão de literatura dos estudos autobiográficos. Este artigo é um estudo, parte de uma dissertação de Mestrado em Educação. Os estudos autobiográficos na Literatura Infantil contribuem para a análise do processo da consciência de *si* e para a formação humana e profissional dos contadores de histórias. Os resultados deste trabalho demonstram que a identidade dos contadores de histórias, quando analisada sob a perspectiva dos estudos autobiográficos, permite o olhar sobre a prática de contar histórias, por meio do processo de construção identitária. É essencial conhecer a si mesmo e conhecer bem as histórias para que cada contador de histórias, possa elaborar as suas próprias estratégias,

de forma dinâmica e criativa para encantar as pessoas.

PALAVRAS-CHAVES: Literatura Infantil, Contação de histórias, Identidade.

ABSTRACT: Telling stories is an important practice to promote reading and the access to the literary universe. The purpose of this work is to show the autobiographical studies' contribution in the construction of the storyteller's identity. It is a qualitative research of theoretical and methodological elements along with autobiographical studies' literature review. This article is a study, part of a Education Master's Degree's dissertation. The autobiographical studies in Children's Literature contribute to the self-consciousness process's analysis and to the human and professional formation. The results of this work show that the storyteller's identity, when analyzed under the autobiographical studies' perspective, allow the look over the storytelling's practice by means of the identity construction process. It is essential to know himself and to know the histories well so that each accountant of histories, it can elaborate their own strategies, in dynamic and creative way to enchant the people.

KEYWORDS: Children's Literature, Storytelling, Identity.

INTRODUÇÃO

A contação de histórias é uma prática importante para a promoção da leitura e para o acesso à literatura. Os contadores precisam garantir o encantamento das crianças, dos jovens e dos adultos pela descoberta do mundo literário e promover a eles, o processo de humanização.

O objetivo geral deste artigo será apresentar a contribuição dos estudos autobiográficos na construção da identidade dos contadores de histórias. Assim, os fundamentos metodológicos desta pesquisa serão os estudos autobiográficos. Este artigo foi elaborado a partir da dissertação de E.C.S. VENDRAME, intitulada “Da história contada ao sujeito da contação: como me fiz contadora de histórias...”. Universidade Estadual de Maringá, 2015.

Vale ressaltar que a contação de histórias nasceu com a humanidade, por isso ela permanece em nossa sociedade e contribui para o processo de desenvolvimento da criança, pelo fato de que, ao contar e recontar histórias da Literatura Infantil, o contador de histórias promove a mediação da linguagem, potencializa as interações e assegura o desenvolvimento infantil. Tais atividades possibilitam às crianças interagirem com o mundo da fantasia e dos símbolos, pois, a partir das histórias, elas apresentam suas opiniões e seus sentimentos. Essas ações também permitem que elas possam compreender melhor o mundo em relação ao cotidiano e vivenciem o exercício social da oralidade e da escrita.

Contar histórias é um dos recursos utilizados pelos homens, assim como pelos professores, para reproduzirem a cultura e reinventá-la. Na Educação, a partir da contação de histórias, os professores contadores de histórias promovem às crianças a vivência da infância e do lúdico, por meio da fantasia e da promoção da imaginação. As histórias também auxiliam na afetividade, nas expressões gestuais, na coordenação motora e nos aspectos culturais, ou seja, são elementos que possibilitam o desenvolvimento infantil.

A contação de histórias surgiu como uma importante prática de acesso à literatura e à promoção da leitura, deixando claro que é preciso garantir o encantamento pela descoberta do mundo literário desde a infância, na busca de promover o desenvolvimento da criança, das pessoas e de seus processos de humanização. Para esclarecer tais aspectos apresentamos o seguinte fundamento:

O desenvolvimento infantil constitui o princípio básico da psicologia. Uma criança não é um ser terminado, mas um organismo em desenvolvimento e, portanto, seu comportamento vai se formando sob a influência da ação sistemática do ambiente e também com relação a vários ciclos ou períodos de evolução do próprio organismo infantil, que por sua vez determinam a relação do ser humano com o meio (VYGOTSKY, 2003, p.203).

Nesta perspectiva, a contação de histórias é uma ferramenta de promoção das relações entre o universo literário, da criança e das pessoas humanizadas. As histórias contribuem com o aprendizado da linguagem e da criatividade, conforme descreve

Debus (2006, p.75):

O contar histórias pode influir diretamente na aprendizagem efetiva da leitura e escrita, pois, por meio da narrativa, a criança entra em contato com novos vocábulos, com estratégias de linguagem, já que a estrutura início, meio e fim das narrativas auxilia a criança na elaboração de suas próprias histórias. O leitor-ouvinte começa a ser exposto naturalmente ao mundo ficcional, o que lhe desperta a sensibilidade e a criatividade.

A narrativa permite o acesso à linguagem e suas estratégias, porém, ao pensarmos as narrativas na estrutura começo, meio e fim, é importante esclarecer o que vem a ser essa estrutura.

De acordo com Souza e Giroto (2014, p.29), há na narrativa o “esquema de 3 atos”, que se trata do começo, do meio e do fim. A situação inicial é o primeiro ato e corresponde à apresentação de uma situação inicial, já o desenvolvimento, que ocorre no processo da narrativa, vem a ser o segundo ato, e é neste momento que os acontecimentos da história direcionam as causas, que são oriundas das situações iniciais. O desfecho final é o momento em que a narrativa apresenta a conclusão das situações. Neste processo narrativo há uma relação sequencial entre os “3 atos”, visto que o início (1º ato), o desenvolvimento/meio (2º ato) e o fim (3º ato) estão sistematizados nas histórias narradas.

Para contar histórias é preciso estratégias de mediação do contador de histórias, então, para aqueles que se propõem a encantar pela leitura, literatura e arte de contar, é necessário considerar que:

Para contar histórias – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes [...]. Se capta o ritmo, a cadência do conto e assim ela flui como uma canção... ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras.... Contar histórias é uma arte... É tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso, não é nem remotamente declamação ou teatro [...]. Ela é o uso simples e harmônico da voz (ABRAMOVICH, 2009, p.15).

Percebe-se, portanto, que a contação de histórias é uma ferramenta de promoção das relações entre o universo literário e a promoção da humanização. Para isso, é preciso entender que as crianças necessitam ter acesso à literatura com qualidade de texto, assim como qualidade nas ações dos contadores de histórias:

Para que o convívio do leitor com a literatura resulte efetivo, nessa aventura espiritual que é a literatura, muitos são os fatores em jogo. Entre os mais importantes está a necessária adequação dos textos às diversas etapas do desenvolvimento infantil/juvenil (COELHO, 2000, p.32).

A necessidade de conhecer as histórias e adequá-las ao desenvolvimento é fundamental, por isso, na ação do contador de histórias, é preciso ter uma seleção de histórias apropriadas e que possam ser agradáveis a todos.

Cabe àqueles que se dispõem a fazer uso da contação de histórias, sistematizar e planejar, a fim de que eles possam estimular e garantir o desenvolvimento da criatividade e da imaginação da criança, tanto é que Quintiliano faz algumas orientações

para os contadores de histórias. Para Quintiliano *apud* Tahan (1961, p.10), as histórias precisam “*instruir, comover e agradar*”.

É preciso pensar também que o processo de “sedução” do contador de histórias não ocorre do dia para noite, basta recordamos Sherazade e as mil e uma noites. De acordo com Gullar (2006, p.5), como se sabe: “A história das mil e uma noites é uma reunião de fascinantes histórias inventadas e mantidas na tradição oral pelos povos da Pérsia e Índia”. Por meio dos contos árabes de rainhas e sultões, gênios e monstros, lutas e intrigas, em clima de magia e de mistério, Scherazade conseguiu mudar seu destino, que seria o de morrer, após a noite de núpcias. Para que o contador de histórias tenha a mesma segurança que Sherazade demonstrou, ao confiar no poder das suas histórias para salvar sua vida, eles precisam conhecer a si mesmos, conhecerem bem as histórias que contarão e elaborarem estratégias dinâmicas e criativas.

Neste texto, optamos por descrever a construção da identidade dos contadores de histórias e a metodologia autobiográfica tem sido um instrumento expressivo para a análise das práticas e da construção da identidade dos contadores de histórias. A seguir descreveremos as características dos estudos autobiográficos e suas contribuições para a educação.

A construção da identidade dos contadores de histórias: fundamentos dos estudos autobiográficos

A metodologia autobiográfica permite a compreensão do sujeito contador de histórias, a identificação do processo de conhecimento de si e a construção de novos saberes. Esses estudos produzem o autoconhecimento e revelam o passado e o presente, como marcas da trajetória, que permitem a constituição dos professores e dos contadores de histórias para poderem exercer com maior qualidade as suas ações futuras. Sendo assim, a metodologia autobiográfica neste trabalho, justifica-se pelo fato de que:

Entender as afinidades entre narrativas (auto) biográficas no processo de formação e autoformação é fundamental para relacioná-las com os processos constituintes da aprendizagem docente. Dessa forma, as implicações pessoais e as marcas construídas na trajetória individual/coletiva, expressas nos relatos escritos, revelam aprendizagens da formação e sobre a profissão. (SOUZA, 2007, p.4)

Na presença desses aspectos, os objetivos dos métodos da pesquisa estão situados no desvendamento de estratégias de promoção de leitura, de escuta, de incentivo à participação nos enredos e na humanização das crianças e dos contadores de histórias. A contação de histórias, por meio das análises dos estudos e das narrativas autobiográficas, auxilia no desenvolvimento integral dos contadores, pois considera a sua trajetória de vida como processo de autoconhecimento e, também, de autoformação.

Quando descrevemos as narrativas autobiográficas, enfatizamos as maneiras como os contadores de histórias descrevem a sua trajetória de vida, compreendem

as construções de suas identidades e as transformações ocorridas ao longo de suas histórias pessoais e profissionais:

O recurso à narrativa autobiográfica inscreve-se na ideia de que, ao narrarmos episódios com significado, os analisaremos de uma forma contextualizada, buscando que essa análise coloque em evidência emoções, experiências ou pequenos fatos marcantes, dos quais antes não nos tínhamos percebido (FREITAS e GALVÃO, 2007, p.220).

A partir do entendimento de como esse processo ocorre, faz-se necessário sistematizar as vivências dos contadores de histórias, para que compreendam a contribuição disso nas suas atuações. É preciso considerar, também, que há uma satisfação imensurável nas contações, pois ao mesmo tempo em que os contadores de histórias narram, eles descobrem o que as memórias representam nas suas formações como sujeitos. De acordo com Josso (2010, p.38), “É porque nos identificamos com nossas experiências, que nos fixamos nelas”.

Para Josso (2010), a experiência é uma vivência que recebeu um trabalho de reflexão, sobre o que as pessoas passaram, os fenômenos que observaram, que perceberam ao longo de suas vidas para dar sentido a isso.

Na possibilidade de narrar as vivências com intencionalidade, os estudos autobiográficos buscam a solução da problemática anunciada na pesquisa. Essa perspectiva defende o conhecimento de *si* mesmo para o seu agir no mundo. Ao considerar que, na formação dos professores, o pensar e o agir sobre o mundo necessitam de reflexões constantes, Souza (2006, p.98) propõe que:

A partir da narrativa (auto)biográfica da vivência escolar torna-se possível desvendar modelos e princípios que estruturam discursos pedagógicos que compõem o agir e o pensar da professora em formação. Isto porque o ato de lembrar e narrar possibilita ao ator reconstruir experiências, refletir sobre dispositivos formativos e criar espaço para uma compreensão da sua própria prática.

A formação do contador de histórias necessita de sentidos e, a partir desses aspectos, os estudos autobiográficos fizeram com que refletíssemos sobre a temporalidade das vivências dos sujeitos e os aspectos de suas histórias. Assim, surgiu a questão norteadora desse artigo: Como as teorias sobre estudos autobiográficos e a contação de histórias poderiam ajudar a compreender quem são os contadores de histórias? Com base nesse questionamento surgiram reflexões sobre a construção da identidade dos contadores de histórias.

A construção da identidade do contador de histórias

O resgate de experiências de vida oportuniza e permite aos contadores de histórias proferirem biografias e histórias, tanto que nos estudos autobiográficos, os aspectos subjetivos e os aspectos sociais estão integrados. Quando as pessoas enfrentam situações diversas, como de opressão e também de afetividade, as quais são proporcionadas a elas no seu dia a dia, as experiências são transformadas em situações de imaginação, de luta, de acatamento, de resistência, de resignificação e

de criação.

O trecho de “Grande Sertão Veredas” (Rosa, 2006, p.147), ilustra isso:

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com outros acho que nem se misturam. (...) Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo coisas de rasa importância. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras de recente data. Toda saudade é uma espécie de velhice. Talvez, então, a melhor coisa seria contar a infância não como um filme em que a vida acontece no tempo, uma coisa depois da outra, na ordem certa, sendo essa conexão que lhe dá sentido, meio e fim, mas como um álbum de retratos, cada um completo em si mesmo, cada um contendo o sentido inteiro. Talvez esse seja o jeito de escrever sobre a alma em cuja memória se encontram as coisas eternas, que permanecem...

A relação de memória e registros significativos é entrelaçada nas mediações e experiências do sujeito, por isso passamos a buscar significados a partir do momento em que encontramos o “sentido inteiro”. Na contação de histórias, o contador toma a memória e as partilha com arte, com o intuito de que esta narrativa possa ter um sentido para o ouvinte.

É necessário entender que a construção da identidade trata-se de um processo, conforme nos propõe Nóvoa (1992, p.16):

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um sente e se diz professor.

Ao refletir sobre a construção identitária, as experiências mediadas por diferentes pessoas são essências na construção da identidade. E, neste caminho, a literatura é criadora de mundo, de sujeitos e é uma ponte que nos conduz ao mundo das realizações e das trocas de vivências, ou seja, a literatura alimenta-nos no processo de desenvolvimento como seres humanos.

Consideramos, portanto, que a identidade do contador de histórias está recheada de vivências, então, quando pensamos no contador de histórias é necessário pensar na relação das histórias com a literatura e a arte. Podemos refletir essa relação nas palavras de Coelho:

Literatura é arte e, como tal, as relações de aprendizagem e vivência, que se estabelecem entre ela e o indivíduo, são fundamentais para que este alcance sua formação integral (sua consciência do **eu + o outro + mundo**, em harmonia dinâmica) (COELHO, 2000, p.10 - **grifos do autor**).

A identidade do contador de histórias é um processo gradual que se constrói a partir de experiências significativas com a literatura. Essa relação tem um aspecto particular quando estamos tecendo fios a respeito da consciência de *si*, da convivência com o *outro* e, assim, manifestamos nossa compreensão de mundo.

Na revisão de literatura, encontramos os seguintes estudos autobiográficos de contadores de histórias: os escritos de Gomes (2012) “*Cantares e contares: brincadeiras faladas*”; Yunes (2012) “*Contar para ler*”; Leite (2012) “*Mala de leitura*”; Matos (2012) “*Mergulhados em beleza*”; Díaz (2012) “*Uma vida de conto*”; Moraes (2012) “*A voz do*

matuto". Nessas obras encontramos referências sobre o papel da literatura oral para a construção da identidade dessas pessoas.

Para Bergamini (2011), a literatura oral é um conceito criado no final do século XIX, pelo francês Paul Sébillot. Nesta época, ele procurava diferenciar a literatura escrita da literatura oral, ou seja, a literatura oral, para o autor, perpetuou-se na história da humanidade, por meio das vozes dos contadores de história, que eram pessoas que não liam e não escreviam, mas contavam histórias como se estivessem fazendo arte.

As vozes dos contadores de histórias na literatura oral permitem a construção da consciência de *si*, o reconhecimento da importância do uso da tradição oral de geração para geração, assim como de outras finalidades. Diante disso:

O conto de literatura oral serve a muitos propósitos, a começar pela formação psicológica, intelectual e espiritual do ser humano. Através do conto podemos valorizar as diferenças entre os grupos étnicos, culturais e religiosos, e introduzir conceitos éticos. O conto pode ser o estímulo que dará origem a estas e muitas outras reflexões. Serve também como elemento integrador de um trabalho em sala de aula, onde as diferentes áreas de conhecimento podem ser abordadas e pesquisadas (BUSATTO, 2011, p.37).

A diversidade cultural expressa pela literatura e a abordagem de diferentes etnias permite que, por meio de diferentes histórias, as pessoas elaborem processos de significação das suas histórias pessoais. Na busca por essa identidade, a relação com a narrativa de histórias apresenta uma natureza indissociável com três elementos que Moraes (2012, p.15) define como: "a história, o narrador e o ouvinte". Para ele, a história é o texto a ser contado e pode ser produzida na forma oral ou originalmente escrita, mas que será contada. O narrador e o contador de histórias são agentes que produzem ou reproduzem o texto. O ouvinte é aquele que se dispõe a receber o texto oral (MORAES, 2012).

A relação estabelecida entre a tríade: *história, contador de histórias e ouvinte*, passa a ser uma ação criativa que permite o original sempre, já que o contador de histórias, ao recontar uma mesma história, a um mesmo ouvinte, tem diferentes momentos de experiência que permitem o encantamento do ouvir.

Conforme propõe Josso (2010), as histórias de nossa infância são elementos de aprendizagens que demonstram que o ser humano é capaz de criar as histórias que representam as nossas concepções sobre a vida. Diante desse aspecto, o mundo adquire uma significação e permite compreender o universo em que vivemos.

Ao longo da sua trajetória, o contador de histórias, por meio da literatura oral, da leitura de livros, dos cursos de formação de contadores de histórias e de sua formação universitária, aprende a construir estratégias para contar histórias. Ao centrar-se nas experiências e no caminho percorrido estas vivências "são marcadas por aspectos históricos e subjetivo frente às reflexões e análises construídas por cada um sobre o

ato de lembrar, narrar e escrever sobre si”. (SOUZA, 2014, p. 43)

O contador de história e o contar e encantar

Os adultos e as crianças demonstram igual prazer, encantamento e curiosidade quando são estimulados pelo poder de sedução de lindas histórias. Existem várias estratégias de contação de histórias para que contadores possam fazer uso desses recursos em suas ações pedagógicas, ou em diferentes ambientes que extrapolam os espaços escolares.

Para isso, é preciso conhecer as formas de apresentação das histórias. Silva, (1997, p.50) propõe que:

Contar histórias é uma arte, por conseguinte requer certa tendência inata, uma predisposição, latente. Aliás, em todo educador, em toda pessoa que se propõe a lidar com crianças, além do conjunto de técnicas que a didática ensina, há determinadas qualidades que contribuem para a eclosão desse talento e podem ser estimuladas, desenvolvidas.

Na convicção de que contar histórias é uma arte que pode ser desenvolvida e estimulada, estes elementos permitem várias definições a respeito da questão: quem é o contador de histórias?

Para Tahan (1961), o contador de histórias necessita de nove qualidades e características que o tornam perfeito, são elas: 1ª Sentir a história e vivenciar com entusiasmo; 2ª narrar com naturalidade; 3ª conhecer o enredo; 4ª dominar o auditório; 5ª contar dramaticamente, sem exageros; 6ª falar com voz adequada, clara e agradável; 7ª evitar e corrigir os defeitos da dicção; 8ª ser moderado nos gestos e 9ª Se emocionar com a própria narrativa.

As considerações apresentadas nas ideias de Yunes (2012), de Busatto (2011), de Matos (2014) e de Tahan (1961) respondem quem são os professores contadores de histórias, os quais poderíamos definir como os socializadores/mediadores que apresentam as suas vivências e levam-nos a sonhar em tempos imaginários. Eles compartilham as belezas da vida, que são “tesouros” oriundos de palavras, e estas, permitem entender o que nos rodeia e o que compõe a construção da nossa identidade, por meio da utilização de sutilezas que são apresentadas aos ouvintes com todas as possibilidades.

Nas investigações a respeito da contação de histórias e da busca pelo contar com entusiasmo e encantamento, temos contribuições importantes de Sisto (2005), em “Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias”, que auxilia a compreender o processo de construção da identidade do contador de histórias.

Sisto (2005) considera vários elementos e aspectos que são fundamentais para os contadores de histórias. Entre esses aspectos estão: a emoção, a seleção dos textos e as adequações às idades. No que diz respeito às atitudes corporais utilizadas na contação, os gestos, ele diferencia três tipos de gestos: ilustrativos, enfáticos e sintéticos. Outros elementos também são apontados por ele como estratégicos: as

entonações das vozes, a forma do olhar, a espontaneidade, o ritmo, o clima, a memória, a credibilidade, as pausas e os silêncios, assim como os elementos estéticos.

Esses aspectos citados são fontes de apoio ao contador de histórias. Assim, ao apresentar esses treze elementos, Sisto (2005) considera que eles são importantes para a formação do professor, contador de histórias, e, ao mesmo tempo, faz compreender que a história envolve o ouvinte e o contador de histórias, ou seja, desperta a emoção. Esses elementos, na relação contador e ouvinte, permitem que a história adquira vida.

A história contada não é apenas a fala, é também o ler o texto, pois ela é repleta de significados que são atribuídos: a emoção, o texto, a adequação, o gesto ilustrativo, a voz, o olhar, a espontaneidade, a naturalidade, o ritmo, o clima, a memória, a credibilidade, as pausas, os silêncios e o elemento estético. É perceptível, portanto, que o encantamento pela história está na reunião harmoniosa de todos esses elementos.

A contação de histórias é uma relação direta com o ouvinte, e essa relação é essencial para o contador de histórias, visto que “O conto é a arte da relação entre contador e seu auditório. É através dessa relação que o conto vai adquirindo seus matizes, suas nuances” (MATOS e SORSY, 2009, p.8).

Nesse sentido, é necessário considerar que ouvir histórias é importante no desenvolvimento integral, já que, juntos, contadores e ouvintes, percorrem esses caminhos. Quando conta uma história, o contador compartilha sonhos e muitas vezes experiências, pois ele se apropria dos sonhos de um personagem e faz deles os seus próprios sonhos. Assim, ele pode oferecer aos ouvintes a sedução de uma história contada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identidade relaciona “múltiplos fios” das pessoas, das vivências de suas histórias, as quais nos fazem pensar sobre essa relação da arte e da cultura que o contar histórias permite. É fato que construímos a nossa identidade na relação de formação/construção da identidade com a consciência de *si*, da convivência com o outro e no modo como compreendemos o mundo ao qual pertencemos.

Nesse trabalho buscamos apresentar como os estudos autobiográficos podem auxiliar na compreensão de quem são os contadores de histórias, sendo que, diante dos estudos realizados, é possível considerar que a identidade dos contadores de história, quando pensada na perspectiva dos estudos autobiográficos, permite o olhar sobre a prática, em especial do processo de autoformação e de construção identitária do professor contador de histórias.

Alguns elementos são importantes na formação e na construção da identidade, como a identificação e o estudo das estratégias para a contação de histórias. Esses aspectos permitem entender e estimular a busca por mecanismos que fazem do professor, contador de histórias, um mediador da cultura, da arte e da oralidade proferida por meio da contação de histórias.

É essencial conhecer a si mesmo e conhecer bem as histórias para que cada contador de histórias, seja ele professor ou não, possa elaborar as suas próprias estratégias, de forma dinâmica e criativa para encantar as pessoas. Ademais, vale destacar que as histórias provocam fascínio em quem as ouve, independentemente da idade ou do pertencimento social.

A resposta para quem é o contador de histórias é algo que necessita de análise, de reflexões constantes e de aprofundamento teórico. Diante disso, na busca por conceituar quem são os contadores de histórias, consideramos que eles são socializadores e mediadores da cultura, de conhecimentos literários, de múltiplas aprendizagens e de emoções.

Dessa forma, desde os primórdios da humanidade, o ato de contar histórias é uma atividade que privilegia a mediação de conhecimentos de maneira mágica, contagiante e emocional, com estratégias estudadas e coerentes. Esse ato aproxima as pessoas, produz aconchego e as humaniza, ou seja, trata-se de uma experiência necessária e insubstituível. Assim, o contador de histórias, em nossas considerações, é fundamental ao processo de humanização dos interlocutores.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2009.

BERGAMINI, C. V. A poética da voz: análise da voz em narrativas orais. **Boitatá – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL**, Londrina, nº 11, p.28-36, jan-jul 2011. ISSN 1980-4504. Disponível em: <http://revistaboitata.portaldepoeticasorais.com.br/site/arquivos/revistas/1/claudia.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2015.

BUSATTO, C. **Contar e Encantar: pequenos segredos da narrativa**. 7ª ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2011.

COELHO, N.N. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.

DEBUS, E. **Festaria de brincança: a leitura literária na Educação Infantil**. São Paulo: Paulus, 2006.

DÍAZ, R. Uma vida de conto: a arte de contar histórias da selva no meio urbano. In: GOMES, L.; MORAES, F.(org.) **A Arte de Encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FREITAS, D.; GALVÃO, C. O uso de narrativas autobiográficas no desenvolvimento profissional de professores. **Ciências e Cognição / Science and Cognition**, [S.l.], v. 12, Nov. 2007. ISSN 1806-5821. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/648/430>. Acesso em: 15 Jan. 2015.

GOMES, L. Cantares e contares: brincadeiras faladas - A arte de contar histórias e as brincadeiras faladas. In: _____; MORAES, F.(org.) **A Arte de Encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2012, P.23-40.

GULLAR, F. **As mil e uma noites: contos árabes**. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

JOSSO, M-C. **Experiências de vida e formação**. 2ª ed. São Paulo/Natal, 2010.

- LEITE, M. A arte itinerante de contar histórias em terras distantes. In: GOMES, L.; MORAES, F.(org.) **A Arte de Encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- MATOS, G.A. **A palavra do contador de histórias**. 2ª ed. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2014.
- _____, G.A. SORSY, I. **O ofício do contador de histórias**. 3ª ed. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2009.
- MORAES, F. **Contar histórias: a arte de brincar com as palavras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- NÓVOA, A. Os professores e as histórias de sua vida. In: _____, (org.) **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.
- ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- SILVA, M. B. C., **Contar histórias uma arte sem idade**. 7ª ed. São Paulo: editora Ática, 1997.
- SISTO, C. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 2ª ed. Curitiba: Positivo, 2005.
- SOUZA, E.C. **Histórias de vida e formação de professores**. In: BRASIL, Histórias de vida e formação de professores. Salto para o futuro, TV escola, Ministério da Educação, SEED – MEC, Boletim 01, Março de 2007. Disponível em <<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/165212Historias.pdf>> Acesso em: 12 Nov. 2014.
- _____, E.C. **O Conhecimento de si: estágio e narrativa de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, Salvador, BA: UNEB, 2006.
- _____, E.C. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. In: **Revista Educação**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39-50, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reeducacao/article/view/11344/pdf>. Acesso em 20/12/2015.
- SOUZA, R. J.; GIROTTO, C.G.S. Era uma vez... Uma caixa de histórias: Prosa no acervo do PNBE 2014. In: BRASIL. Ministério da Educação. **PNBE na escola: literatura fora da caixa**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.
- TAHAN, M. **A arte de ler e contar histórias**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.
- VENDRAME, E. C. D. S. **Da história contada ao sujeito de contação: como me fiz contadora de histórias...** 2015. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.
- VYGOTSKY, L.S. VIGOTSKI, **Psicologia pedagógica**. Trad. Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003
- YUNES, E. Contar para ler: a arte de contar histórias e as práticas de leitura. In: **A Arte de Encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-069-8

